



Sergio Ramírez, escritor e político, e o contexto político-cultural nicaraguense e centro-americano na segunda metade do século XX

Fred Maciel¹

Artigo recebido em: 10/09/2015

Artigo aceito em: 30/12/2015

RESUMO

No presente artigo, pretendemos analisar, ainda que brevemente, a obra e a atuação do intelectual nicaraguense Sergio Ramírez (1942-), buscando elucidar a existência e a permanência de uma cultura política sandinista. Através da associação entre a ação de Ramírez e o contexto político e cultural nicaraguense, tentaremos aclarar como referida cultura política sandinista fornecia símbolos e representações políticas com as quais Ramírez dialogou, de modo a pautar ações políticas e elaborações intelectuais. Desse modo, objetivamos retratar como, por meio de Ramírez, projetos políticos nicaraguenses foram edificados e como as atuações desse intelectual contribuíram também para possíveis ressignificações do próprio sandinismo.

Palavras-chave: Nicarágua; sandinismo; Sergio Ramírez.

Sergio Ramírez, writer and politician, and the nicaraguan and central american political-cultural context in the second half of the 20th Century

ABSTRACT

In this paper we intend to analyze, albeit briefly, the work and the actions of the Nicaraguan intellectual Sergio Ramírez (1942-), seeking to elucidate the existence and permanence of a Sandinista political culture. Through the association between the action of Ramírez and the Nicaraguan political and cultural context, we try to clarify how such Sandinista political culture provided symbols and political representations with which Ramírez dialogued in order to guide political action and intellectual elaborations. Thus, we aimed to portray as, via Ramírez, Nicaraguan political projects were built and how the performances of this intellectual also contributed to possible ressignificances of the sandinismo itself.

KEYWORDS: Nicaragua; sandinismo; Sergio Ramírez.

¹ Doutorando em História – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCHS-Unesp/campus Franca). Graduado e mestre em História. Bolsista Capes. E-mail: fredmaciel06@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8902937834731785>.





Ao tratarmos da biografia do intelectual nicaraguense Sergio Ramírez, uma primeira e importante consideração a ser apontada é a não separação entre suas figuras de escritor e político. Por mais que sua vertente literária tenha sido a que o alçou ao reconhecimento nacional e internacional, seu lado político (especialmente sua participação na luta antiditatorial e no regime sandinista como vice-presidente da República) é igualmente significativo na análise de sua influência e relevância no ambiente nicaraguense e centro-americano. De acordo com um dos principais estudiosos da obra de Ramírez, José Ángel Vargas Vargas², tais atividades de escritor e político são consubstanciais e inseparáveis; porém, o próprio Ramírez, em meados dos anos 1990, afirmou que se enquadraria mais como um escritor que por muito tempo esteve ligado à política.

Nascido em Masatepe em 1942 e estudante de Direito na Universidade de León nos anos 1960, Ramírez iniciou sua vida política justamente em tal período universitário. Em 1960, criou, ao lado de colegas, o Grupo Ventana, movimento que advogava pela autonomia universitária e que possuía uma revista homônima (dezenove números foram publicados, entre 1960 e 1964). Em dito periódico, a *Generación de la Autonomía* apresentava a literatura para além de um trabalho artístico, como uma forma de manifestação do compromisso com a realidade social. Era o início da inter-relação das funções de escritor e político de Ramírez.

É importante aclarar o porquê do nome *Generación de la Autonomía* e o contexto em torno da mesma. O debate acerca da autonomia universitária na Nicarágua teve impacto entre o fim da década de 1950 e o início da de 1960, sendo o escritor e advogado Mariano Fiallos Gil figura central no processo. Ao assumir o cargo de reitor da *Universidad Nacional de Nicaragua* (UNAN – mais antiga universidade do país, criada em 1812 e sediada em León), em 1957, Fiallos Gil estabeleceu novos parâmetros humanistas no ambiente acadêmico, rechaçando todo autoritarismo político, científico ou religioso, defendendo princípios democráticos e de liberdade. Nas palavras de um futuro reitor e também membro de tal geração, Alejandro Serrano Caldera: “Aquello fue un renacer impresionante, fue como un viento de fronda renovador y oxigenante, que entró en la juventud nicaragüense por las puertas, ventanas y los pasillos de la universidad”³. A desejada autonomia universitária foi

² VARGAS, José Ángel Vargas. Sergio Ramírez: escritor y político. *InterSedes* – Revista Electrónica de las Sedes Regionales de la Universidad de Costa Rica, v. 3, n. 5, 2002.

³ Ver: SERRANO CALDERA, Alejandro. *Desde la universidad, 1957-1974: un enfoque de la universidad y la sociedad nicaragüense*. León: Editorial Universitaria/UNAN, 2007.



conquistada em 1958, através de um decreto assinado pelo então presidente Luis Somoza Debayle e seu ministro da Educação René Schick (presidente entre 1963-1966). A partir desse momento, com a autonomia administrativa e financeira (mas com recursos ainda provenientes do Estado), a universidade passou a se chamar *Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua*.

Contudo, outro acontecimento seria tão importante quanto a defesa da autonomia universitária para essa jovem geração. Em 23 de julho de 1959, uma forte repressão da Guarda Nacional contra uma manifestação de estudantes da UNAN nas ruas de León causou grande comoção, resultando em 4 mortes e mais de 40 feridos. Na ocasião, o tradicional desfile carnavalesco dos novatos universitários teve considerável teor político em função do ataque ao grupo de jovens guerrilheiros treinados por Ernesto ‘Che’ Guevara em Honduras (episódio conhecido como *Masacre del Chaparral*, ocorrido em 22/07/1959), estando Carlos Fonseca (líder político e principal mentor intelectual da FSLN) entre os feridos. O testemunho de um dos presentes dá a dimensão da carga emotiva envolta no *Masacre de 23 de julio*:

Serían aproximadamente las seis de la tarde del 23 de julio cuando la sangre estudiantil corrió sobre el pavimento, cuando jóvenes patriotas se convirtieron en mártires. Los últimos rayos del sol acompañaban en su agonía a los mártires. Aquellos rayos rojizos y hermosos, tibios y poéticos alumbraron con claridad aquella escena de sangre⁴.

Entre os novatos estava Sergio Ramírez, e o próprio indicou o evento como marco em sua construção política e na de sua geração:

[...] podemos decir que a partir de entonces nos inscribimos como una generación decisiva en la historia de Nicaragua, porque fuimos hijos de hechos y acciones decisivas, de años decisivos y de una tarde decisiva, y porque a lo largo de todos estos años que han pasado desde aquel día seguimos identificados con el ideal de ruptura con el viejo orden, de liberación total de la nación, de transformación radical de la realidad, que empezamos a compartir en aquellos días, ideal que la sangre del 23 de Julio fijó en nosotros y que la República Popular Sandinista cristalizó después⁵.

⁴ Passagem de Rolando Abendaña Sandino contida em: <<http://archivo.elnuevodiario.com.ni/cultural/33477-sergio-ramirez-mercado-producto-dos-generaciones/>>. Publicado originalmente em 02 de outubro de 1998. Acesso em: 13 ago. 2015.

⁵ RAMÍREZ, Sergio. *Las armas del futuro*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1987. p. 114.



A posterior incorporação à Frente Estudantil Revolucionária⁶ (FER) e o contato com Carlos Fonseca inspirariam suas ações políticas e literárias; um prelúdio à sua crescente participação no movimento e pensamento sandinista, culminando no exercício do cargo de vice-presidente da República entre 1984 e 1990. A derrota eleitoral sandinista nesse mesmo ano, as consequentes cisões internas na FSLN e sua posição ideológica mais intensa e orientada à democracia conduziram ao afastamento de Ramírez da política institucionalizada, de maneira especial após a derrota como candidato à presidência em 1996.

Em um panorama geral, foi notório que a década de 1980 começou na Nicarágua alentada por esperanças de mudança social, ampla democratização e consolidação nacional, elementos esses centrais do projeto revolucionário sandinista. Tal quadro desenvolveu-se em meio às tensões desgarradoras da guerra contrarrevolucionária, à agressão externa e à pior crise econômica da história nicaraguense, que, ademais, refletia o impacto da crise centro-americana. Foi concluída em um episódio eleitoral cujo resultado não estava nos cálculos de quase ninguém, ou de pouquíssimos, e que teria alcances visíveis no início da década seguinte.

Anteriormente, Ramírez já havia formado, juntamente com outros nomes destacados da sociedade nicaraguense, o chamado *Grupo de los Doce*, grupo de civis destacados que apoiavam a FSLN e que contribuíram na aceitação dos sandinistas em âmbito local e internacional. Como principal representante do mencionado *Grupo de los Doce*, Ramírez poderia ser considerado símbolo de um novo sentido político pretendido pela FSLN, de viés não apenas guerrilheiro/militarista e/ou orientado à via armada, buscando até mesmo uma imagem mais ampla e heterogênea em relação à participação de distintos setores sociais.

Com o fim do período sandinista no poder, Ramírez permaneceria na esfera política nicaraguense, desta vez como líder do setor sandinista no Congresso. Já no início da década de 1990, as cisões internas na FSLN voltaram a ganhar espaço. Se as mesmas, que já existiam desde os anos 1970 com as três facções pré-movimento insurrecional (Tendência Proletária,

⁶ Constituída em 1962, a FER foi produto da mobilização de estudantes universitários, possuindo como marco fundador o *Primero Encuentro de Estudiantes Revolucionarios*, realizado no mesmo ano de 1962. Tal organização foi essencial no fornecimento de quadros para a insipiente FSLN (criada em 1961), contribuindo para sua projeção nacional.



Guerra Popular Prolongada e Tendência Insurrecional/Terceiristas), foram suplantadas em favor de um projeto nacional de transformação política e social visando à superação do passado autoritário do país, com a derrota eleitoral o campo para as divergências estava aberto novamente. Assim, em meados de 1994, Sergio Ramírez foi expulso da FSLN⁷, em função de sua posição ideológica mais intensa e orientada à democracia, oposta à ala radical liderada por Daniel Ortega. Este último grupo não aceitava a derrota de 1990 e pregava medidas drásticas como oposição ao governo de Violeta Chamorro, que vencera aquele pleito (fomento ao retorno à luta armada, evitar qualquer colaboração com o novo regime, atravancar processos no Congresso, etc.).

Em 1995, juntamente com outros membros expulsos ou afastados voluntariamente da FSLN, Ramírez formou o *Movimiento Renovador Sandinista* (MRS), partido político de “inspiração social e democrática”, surgido “principalmente de contradições sobre a política e ação do partido [FSLN], em relação à democracia interna, luta política e social e reformas constitucionais, em clara oposição à crescente tendência caudilhistas de Daniel Ortega⁸”. Como mencionado acima, nas eleições presidenciais de 1996 foi candidato pelo mesmo MRS, obtendo cerca de 1,3% dos votos. A atenção voltou-se ao ofício de escritor, e são justamente os escritos elaborados no período pós-regime sandinista as que tratam de maneira crítica o período indicado pelo autor como de “utopia compartilhada”.

O percurso literário mostrou-se mais frutífero e com impactos significativos desde as primeiras obras, ainda de cunho militante da Frente Sandinista. Inicialmente, o autor pareceu comprometido com princípios de dignidade humana e soberania nacional⁹, sendo as obras válidas por seu conteúdo ideológico, pela apresentação de uma função ideológica do narrador. Em *¿Te dio miedo la sangre?*¹⁰, por exemplo, Ramírez abordou o contexto centro-americano da década de 1930 até o início da de 1960, buscando recursos expressivos (ironia, distorção

⁷ Outras referências indicam que Ramírez não foi expulso, mas sim renunciou seu cargo no partido de maneira voluntária. Ver: ALCÁNTAR, Iliana; ARSOVA, Jasmina. *Conversaciones con Sergio Ramírez. Mester*, Los Angeles, v. XXXII, 2003; MENTON, Seymour. *Adiós Muchachos, antes y después. Mester*, Los Angeles, v. XXXII, 2003.

⁸ MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. *Principios y programa aprobados por la convención constitutiva*. Managua: [s.n.], 1995. Tradução livre.

⁹ VARGAS, José Ángel Vargas. *Sergio Ramírez: escritor y político*. Op. cit.

¹⁰ RAMÍREZ, Sergio. *¿Te dio miedo la sangre?* Caracas: Monte Ávila, 1977.



temporal, multiperspectivismo) para ficcionalizar a realidade histórica e política daquele período.

Os ensaios acerca da Revolução Sandinista também compõem parte relevante nas produções de Sergio Ramírez. Elaborados basicamente no decorrer da década de 1980, tais trabalhos possuem uma retórica a serviço da causa revolucionária, com estratégias ideológicas de criar e fortalecer uma imagem positiva do país e do movimento revolucionário. Ou seja, a intenção era transmitir ao povo um espírito de esperança, motivador na construção de uma sociedade democrática, justa, solidária e igualitária (exemplificado nos próprios títulos das obras: *Seguimos em frente*, *As armas do futuro*, *Confissão de amor*, etc.), além da ideia de fragmentar a realidade ao trabalhar com dicotomias (passado/presente, atraso/progresso, ditadura/sandinismo).

Nesse sentido, se considerarmos que a cultura e a literatura constituem um modo de representação da realidade sócio-histórica, a narração poderia ser enquadrada como reportagem, uma criação a partir de uma imagem visual e qualquer outro elemento que contribua à solidez de uma obra como artifício de imaginação vinculado a realidades concretas. Assim, a ideia de “mentiras verdadeiras” de Ramírez pode ser compreendida: construções da realidade que, sendo imaginadas, parecem verdadeiras em uma determinada sociedade, de modo que o leitor as aceita como possíveis sem chegar a verificar sua verdade ou falsidade.

Quando pensamos no próprio ambiente nicaraguense de contestação e oposição ao regime autoritário da família Somoza, há a percepção de uma geração de jovens guerrilheiros e simpatizantes. Segundo Ramírez¹¹:

[...] uma geração que abominou o imperialismo e teve fé no socialismo e nos movimentos de libertação nacional, em Ben Bella, Lumumba, Ho Chi Minh, no Che Guevara, em Fidel Castro; uma geração que presenciou o triunfo da Revolução Cubana e o fim do colonialismo na África e na Indochina, e que protestou pelas ruas contra a guerra do Vietnã; a geração que leu *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, e *A verdade sobre Cuba*, de C. Wright Mills, e ao mesmo tempo leu os escritores do *boom* latino-americano, todos de esquerda naquela época; a geração dos cabelos compridos e das sandálias, de Woodstock e dos Beatles; a da rebelião nas

¹¹ RAMÍREZ, Sergio. *Adiós muchachos: a História da Revolução Sandinista e seus protagonistas*. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 35-36.



ruas de Paris em maio de 1968, e da matança na praça de Tlatelolco, na Cidade do México; a que viu Salvador Allende resistir no Palácio de la Moneda e chorou pelas mãos cortadas do compositor Víctor Jara no Estádio Nacional em Santiago do Chile, e que encontrou enfim na Nicarágua uma revanche após os sonhos perdidos no Chile, e, mais atrás ainda, após os sonhos perdidos da República espanhola, recebidos como herança. Era a esquerda. Uma época que foi, também, uma épica.

Nesse fenômeno coletivo, é igualmente possível discutirmos a formação de uma identidade coletiva (como fato cultural) e de uma cultura política (discutiremos a ideia no fim deste artigo). Nos termos de Serge Berstein¹²:

Submetido à mesma conjuntura, vivendo numa sociedade com normas idênticas, tendo conhecido as mesmas crises no decorrer das quais fizeram idênticas escolhas, grupos inteiros de uma geração partilham em comum a mesma cultura política que vai depois determinar comportamentos solidários face aos novos acontecimentos.

Na Nicarágua, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, os centros universitários apresentavam-se como principal núcleo opositor. Movimentos e organizações estudantis, particularmente aquelas associados à Universidade de León (Centro Universitário da Universidade Nacional), foram os primeiros canais de socialização política presentes na formação de uma possível cultura política sandinista. Entre livros e fuzis, o nascimento de tal cultura política antecederia a própria formação da Frente Sandinista (estabelecida entre 1960 e 1961). O marco seria justamente a tentativa de fornecimento de respostas aos problemas e crises da sociedade, mas que só encontrariam amparo e conformação sólida na atuação política do movimento/organização que trazia o selo sandinista consigo: a FSLN¹³.

Produto desse ambiente conturbado e de intensa mobilização, Ramírez conseguiu, nas décadas posteriores, atrelar ficção literária e responsabilidade política¹⁴. Em um quadro histórico mais amplo, Luis Alvarenga apresentou como, desde o século XIX, as recém-emancipadas repúblicas centro-americanas tentaram fundamentar uma identidade política própria. Nesse contexto, os intelectuais teriam uma dupla tarefa: ensaiariam respostas sobre as identidades nacionais, e buscariam fundamentar tais identidades sobre a base de uma

¹² BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 361.

¹³ A terminologia ‘sandinista’ só passou a ser usada no nome da organização a partir de 1963. Em 1961 foi fundada como *Frente de Liberación Nacional* (em referência à organização independentista argelina). Três fatores foram fundamentais para a adoção ‘sandinista’: os estudos das ideias e vida de Sandino, a percepção da necessidade de um processo revolucionário genuinamente nicaraguense, e a ascensão de Carlos Fonseca como principal líder do movimento (o mesmo designava sua geração como os ‘hijos de Sandino’).

¹⁴ ALVARENGA, Luis. Sergio Ramírez, entre dos mundos. *Realidad*, El Salvador, n. 91, 2003.



produção intelectual, cultural e artística próprias. Configurar-se-iam, então, como “intelectuais multifacetados¹⁵”.

De maneira geral, os feitos históricos se refletiram na literatura nicaraguense, sobretudo durante e após a Revolução Sandinista. Segundo Cecilia Tuveesson¹⁶, o discurso oficial, tradicionalmente, se interessa pelos acontecimentos político-militares, de maneira que, através da literatura, pode-se perceber a história paralela à guerra. Assim, a literatura nicaraguense a partir dos anos 1980 estava atrelada à difusão de massas, à produção de cultura popular, visando democratizar a cultura. Heróis e mártires foram focalizados, recuperou-se a luta anti-imperialista, apresentaram-se testemunhos de combatentes. Tais novos elementos se converteram em referência cultural como forma de recuperação da identidade nacional. Já na década seguinte (1990), os textos confessionais tomaram como ponto de partida a experiência traumática da guerra contrarrevolucionária ou mesmo da revolução, com suas dúvidas e desconfiâncias.

Em seu ‘realismo cotidiano’, Ramírez descrevia os acontecimentos políticos mais como um observador, e em sua apresentação da cena política não haveria ganhadores ou perdedores. A percepção de que os ideais revolucionários se perderam após o triunfo foi reforçada pela centralidade da questão do poder, considerado um fenômeno arbitrário que constantemente muda sua forma e é manipulável. Em um estilo tradicionalmente realista, porém, sem a estrutura linear, ordenada e lógica, o passado e o presente se mesclam, descrevendo, por exemplo, a sociedade marcada pela ditadura, e não o ditador. A literatura, dessa forma, ficcionalizava a história e se nutria do que a história oficial deixou de contar. Em uma projeção coletiva buscada pelas obras, o elemento literário foi usado como fonte de informação sobre os “tempos obscuros”.

A associação entre história e ficção na obra de Sergio Ramírez envolve relações altamente complexas, de acordo com Werner Mackenbach¹⁷, entre realidades extraliterárias e representações narrativas, assim como entre história e ficção, e por uma reflexão metaficcional e autorreferencial. Portanto, os trabalhos de Ramírez seriam representativos das tendências modificantes nos discursos político-histórico-estéticos no contexto dos processos de mudança social que a América Central vivia a partir dos anos 1960, e das influências recíprocas entre essas mudanças discursivas e suas representações narrativas, bem como das tendências mais recentes na historiografia e sua reflexão crítica.

Em dito traço fundamental da ligação história-ficção, as mudanças foram perceptíveis na passagem de uma literatura comprometida com a história e a política até a história como

¹⁵ Ibidem. p. 149.

¹⁶ TUVESON, Cecilia. *Novelas nicaragienses de contenido político*. Un estudio de obras literarias de Gioconda Belli y Sergio Ramírez. Tese [Spanish Studies]. Lunds Universitet, Suécia, 2012.

¹⁷ MACKENBACH, Werner. Historia y ficción en la obra novelística de Sergio Ramírez. *Iberoamericana*, Pittsburgh, ano 5, n. 19, 2005.



pretexto (e também pré-texto) de uma literatura que não renunciou seu afã de “contar o que não foi contado”.

Já indicamos que não é possível tratar de um desenvolvimento linear na obra romanesca de Ramírez. De tal modo que podemos apontar três discursos aos quais a obra narrativa do autor nicaraguense estaria sujeita. Primeiramente, o(s) discurso(s) literário(s) dominante(s) a nível latino-americano nas três últimas décadas, especialmente a *nueva novela hispanoamericana*; em segundo lugar, as tendências contemporâneas do discurso historiográfico (romances com temas históricos); e, por fim, o discurso político-ideológico depois dos conflitos na América Central, do fim do projeto sandinista e das mudanças globais.

Ademais, o recurso consciente a técnicas narrativas experimentais, como a paródia, a multiplicidade de perspectivas, a intertextualidade, a metatextualidade, a metaficção, a carnavalização e o monólogo interior, constituem estratégias que servem para questionar e socavar concepções da realidade literária baseadas na representação mimética.

Em um plano regional ampliado, podemos notar que o desenvolvimento contemporâneo do romance histórico corresponde também ao desenvolvimento do discurso historiográfico. Discurso esse que questiona a historiografia tradicional e sublinha a relatividade do objeto historiográfico. Assim, a *nueva novela* se desenvolveria no contexto de um debate sobre a função da história, que colocaria em dúvida a possibilidade de um conhecimento histórico objetivo. Especificamente na Nicarágua e na América Central, o papel da imaginação literária assume uma dimensão adicional por causa do estado em que se encontrava a história como ciência. De acordo com Wener Mackenbach: “El novelista se convierte en escritor-historiador, en una palabra, en escritor de la Historia”¹⁸. Outro fator relevante seria também a crise político-ideológica, com a perda das chamadas grandes utopias.

Sendo assim, para se chegar à verdade, a melhor rota seria a construção de “mentiras romanceadas” (segundo Erick Aguirre), “mentiras verdadeiras” contra as “verdades mentirosas” da historiografia oficial posta ao serviço de fins político-ideológicos. Nesse caminho, a imaginação seria indispensável para representar a realidade histórica, a história seria pretexto e a historiografia pré-texto da literatura¹⁹.

Ponto marcante nos trabalhos de Ramírez, as complexas relações de poder, que igualmente funcionam como marco contextual do romance centro-americano contemporâneo, permitem observar que a exclusão, o conflito, a instabilidade e a irregularidade aparecem como traços mais característicos da história da América Central nas últimas décadas. O desencanto de alguns autores, como o próprio Ramírez, vincula-se ao rechaço à guerra, ao tratamento do fracasso dos procedimentos revolucionários e à crítica aos sistemas políticos.

¹⁸ Ibidem, p. 162.

¹⁹ Ibidem, p. 163.



Desde os anos 1970 na região centro-americana, os romances tomam o poder como núcleo gerador de semiose, analisando-o sob diversos ângulos. Em uma atmosfera de incerteza e pessimismo, o poder político, as revoluções, o conceito de pátria e a função social da literatura são questionados, configurando uma sociedade que se desintegra²⁰. Sergio Ramírez, por sua vez, não se limitou a uma apresentação reducionista das relações de poder, utilizando, por vezes, de uma visão irônica do poder, numa releitura desmistificadora do passado, um distanciamento narrativo que procurou encobrir a função ideológica de um narrador que se separa dos fatos para mostra-los ao leitor. Ou seja, Ramírez alude mais ao discurso histórico que à história em si. O poder, então, foi abordado em dois planos complementários: histórico, com relações de ambivalência com a ficção, envolvendo as múltiplas formas como o poder se manifestou e o fracasso de um projeto que prometia um mundo utópico; e humano, associado aos efeitos do poder como força que altera todo comportamento.

Tais ideias envolveriam também o debate acerca do papel do intelectual latino-americano nas transformações políticas e sociais da região. Segundo Ortrun Froehling²¹, palavra é ação, e a demanda por mudar a pena pelo fuzil foi rechaçada como ingênua e distante da realidade. A mediação pela palavra e ficção levou em consideração a palavra literária como ação revolucionária, nascendo de um compromisso de mudança e contendo força de convicção. Porém, uma literatura comprometida e atenta ao processo de mudança não poderia basear-se em nenhuma fórmula técnica programada como instrumento de doutrinação e execução, visto que a literatura comprometida não seria somente aquela de temas revolucionários concretos. O aporte do escritor à transformação se concretizaria no campo da tensão entre os polos do compromisso para a mudança (como ser político e socialmente responsável) e o conjunto de critérios qualitativos²². Assim, buscar-se-ia distanciar-se tanto da “arte pela arte” quanto do escritor como propagandista político e porta-voz partidário, envolvendo um conceito de literatura que associa, ao mesmo tempo, compromisso, criatividade artística e liberdade.

Aprofundando a questão do compromisso, ao analisarmos os primórdios literários nicaraguenses, percebe-se a sobrevivência de “posturas comprometidas” em diversos estamentos literários e paraliterários²³. Em Ramírez, a ideia de compromisso é entendida como sacrifício: “Estamos en una batalla hasta la muerte contra nuestro pasado y contra nuestros enemigos”²⁴. Nessa quimérica divisão do trabalho intelectual, os escritores tornando-se burocratas ou funcionários foi traço característico e *sui generis* da Revolução Nicaraguense. Além de Ramírez, que, como indicado, exerceu o cargo de vice-presidente da

²⁰ VARGAS, José Ángel Vargas. Sergio Ramírez: poder y desencanto. *Revista Pensamiento Actual*, Costa Rica, v. 5, n. 6, 2005. p. 49-54.

²¹ FROEHLING, Ortrun. Reflexiones sobre el escritor en Latinoamérica y el cambio social (Usar la palabra como fusil). *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 5, 1973. p. 03-12.

²² *Ibidem*, p. 08.

²³ SALAMANCA, Douglas. Literatura, sandinismo y compromiso. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LVII, n. 157, 1991. p. 843-859.

²⁴ *Ibidem*, p. 843.



República, podemos citar os exemplos de Gioconda Belli (representante sandinista no *Consejo Nacional de Partidos Políticos*), Ernesto Cardenal (ministro da Cultura) e Rosario Murillo (deputada na *Asamblea Nacional*; atualmente é primeira-dama e assessora de Imprensa e Comunicação da FSLN).

As origens de tal compromisso podem ser remontadas à Revolução Russa, em duas etapas: uma mais experimental, aberta, com uma literatura proletária; e outra rígida e dogmática, fruto do stalinismo e produzindo um realismo socialista. Desde essa faceta, todo escritor militante deveria praticar a denúncia e a agitação; contudo, o erro está na crença de que essa tarefa deva indefectivelmente desenvolver-se a partir das páginas de seus livros e de acordo com uma pauta pré-estabelecida.

Na relação entre os compromissos cívico e literário, o escritor, como todo bom revolucionário, deveria participar das atividades do processo revolucionário, porém, o espírito de responsabilidade cívica dessas atividades não poderia presidir o processo de criação literária, de modo que o artista veria a realidade através de seu ideal estético, que se encontraria organicamente fundido com o ideal sócio-moral²⁵. Ademais, a necessidade de abraçar o compromisso se apresentaria primeiro ao escritor militante como um problema ético. Assim, no contexto de uma revolução, o epicentro se deslocaria do plano axiológico para o plano epistemológico.

Na Nicarágua, a literatura revolucionária pareceu elaborar o paradigma pelo qual ela mesma deveria regir-se. Tanto que, para Carlos Fonseca (um dos fundadores e líder intelectual da FSLN), o intelectual possuiria uma função didática com o povo. Nesse ponto, uma importante questão se abre para o desenvolvimento desta temática: ao pensarmos a relação do intelectual com o político, o primeiro teria a obrigação em contribuir com a revolução e ser militante? Se considerarmos estritamente as palavras de Fonseca, a resposta seria afirmativa. Mas, as próprias tentativas de garantir uma unidade monolítica da revolução numa chamada “frente cultural”, para prevenir ofensivas contrarrevolucionárias nesse campo, trouxe consigo alguns problemas: medidas repressivas e de censura, fortalecimento da “alma militarista”, recrudescimento do caráter autoritário. Diante de tais fatos, Douglas Salamanca afirmou que os sandinistas tentaram construir um paradigma baseado na utopia e, após a derrota eleitoral de 1990, voltou-se a uma realidade de subdesenvolvimento.

Sergio Ramírez também pontou considerações sobre tal temática. Em artigo intitulado *La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo)*²⁶, o autor nicaraguense ressaltou que, na América Latina, a ação política (sobretudo aquela que se propõe uma vontade transformadora) comprometeu intelectuais desde os tempos das lutas pela independência. Portanto, o intelectual que é homem de ação em território latino-americano teria necessariamente uma visão ecumênica desde esses mesmos citados tempos de

²⁵ Ibidem, p. 850.

²⁶ RAMÍREZ, Sergio. La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo). *Encuentro*, Managua, ano XL, n. 79, 2008. p. 36-47.



independência. Sendo a vida pública uma qualidade quase inevitável para esse setor na América Latina, a participação nos interstícios da vida privada fazem com que “los escritores lleguen a convertirse en cronistas iluminados de la historia”²⁷. Inserido nesse contexto, Ramírez optou por “alterar la historia haciéndola, no solo contándola”²⁸. Aprofundando a questão: “Cuando se me pregunta qué me dejó el ejercicio de la política para la literatura, suelo responder que nada. [...] Pero la respuesta es diferente si se refiere al poder”²⁹. Viver como testemunha e protagonista nas entranhas do poder, esse parece ter sido o papel desempenhado por Sergio Ramírez na Nicarágua.

Por fim, um último ponto que podemos abordar brevemente e que merece um estudo mais detalhado e próprio acerca do mesmo é aquele a respeito de uma cultura política sandinista. Em uma percepção histórica, não seria errôneo afirmar a preponderância de uma cultura política nicaraguense autoritária e essencialmente paroquial. Como fatores primordiais, a baixa avaliação das instituições e atores do sistema político, bem como a força da religião como referência social e cultural, promovendo uma separação entre outras culturas políticas das elites governamentais e da sociedade em geral.

Sendo assim, a análise da trajetória de Sérgio Ramirez e sua relação com a FSLN, tanto na atuação política como em forma de crítica literária, tomam uma dimensão ainda mais interessante e importante se considerarmos a possibilidade de existência de uma cultura política sandinista. Explicamos: a influência de Augusto C. Sandino e sua atuação entre fins dos anos 20 e meados dos anos 30 foi marco na constituição da Frente Sandinista enquanto movimento popular de massas, além de referência de uma geração de jovens que então lutava contra o regime autoritário da família Somoza. Alguns traços fundamentais podem ser destacados no pensamento de Sandino: soberania, autonomia nacional, nacionalidade e, como consequência, seu conceito de justiça social³⁰. A FSLN, criada no início da década de 1960, tomou como pressuposto seguir o “legado” deixado por Sandino; não uma proposição teórica, mas sim consequências da práxis, uma vez que o chamado “General de hombres libres” não era um teórico, mas um homem de ação³¹.

Nesse sentido, tendo igualmente como influência a vitória dos revolucionários cubanos em 1959, uma geração de jovens nicaraguenses se impulsionou à radicalização em oposição ao somozismo, reunidos principalmente em organizações políticas segmentadas e estudantis. Estas últimas seriam os primeiros canais atuantes de socialização política e presentes na formação de uma cultura política sandinista, presente durante toda a luta insurrecional de maneira mais difundida e generalizada, e durante o regime da FSLN de modo distinto no começo e fim da década de 1980. Neste último período, as cisões internas

²⁷ Ibidem, p. 41.

²⁸ Ibidem, p. 45.

²⁹ Idem.

³⁰ RAMÍREZ, Sergio. *El pensamiento vivo de Sandino*. Tomo 2. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984. p. 434.

³¹ Ibidem, p. 433.



retratavam de um lado o discurso considerado oficial, do presidente Daniel Ortega e seu grupo de seguidores, e de outro, antigos membros e combatentes que criticavam a transformação autoritária e caudilhesca de Ortega e o “desvirtuamento” do pensamento sandinista original.

Na dimensão sandinista, é inegável a importância das contribuições de Carlos Fonseca e sua construção/difusão do sandinismo enquanto força mobilizadora política, social e cultural. Inicialmente, nos anos 1960 e 1970, os escritos de Fonseca guiaram a insurreição e a reconstrução da imagem de Sandino pela FSLN a fim de remodelá-lo dentro de um símbolo dominante da forte ideologia revolucionária³². Nesse sentido, podemos indicar o sandinismo como uma construção de Fonseca, uma ideologia que tentou prover liderança, significado e motivação para uma nação passando por um processo revolucionário.

Contrapontos a respeito da influência de Carlos Fonseca podem ser encontrados nas opiniões de pesquisadores latino-americanistas. David Nolan³³, por exemplo, ressaltou que os escritos de Fonseca são simples e superficiais, sendo mais complexos e relevantes os trabalhos de Humberto Ortega e Jaime Wheelock. Hugo Cancino Troncoso³⁴, em oposição, indicou Fonseca como figura-chave na criação inicial do sandinismo pela FSLN, formando, junto com trabalhos de outros membros da Frente, um “tapete ideológico total” do sandinismo.

De fato, Carlos Fonseca não era um erudito ou mesmo um teórico marxista sofisticado. Estaria mais próximo da ideia gramsciana de “intelectual orgânico”, um pensador e militante da classe subalterna que aprendeu a necessidade dos revolucionários dominarem os campos cultural e ideológico. Dessa forma, o discurso sandinista ligava-se à análise histórica da Nicarágua desenvolvida por Fonseca através de suas interpretações da luta nacionalista “original” e “autêntica” de Sandino. Lembrando que o chamado “General de hombres libres” já era um símbolo da oposição estudantil e armada ao somozismo antes da FSLN se apropriar de sua lenda.

Foi em meados dos anos 1950 que Fonseca desenvolveu o conceito básico de sandinismo, apreendendo que a luta de Sandino representou a iniciação de um caminho popular revolucionário; ou seja, o estágio inicial de uma consciência anti-imperialista nicaraguense. Assim, a difusão e qualidade elusiva dos escritos de Sandino, combinado com a realidade de sua força guerrilheira anti-imperialista amplamente retirada das classes mais baixas, contribuiu para fazer sua história passível de uma reinterpretação marxista³⁵. Portanto, a interpretação particular de Fonseca sobre a tensão histórica entre o nacionalismo de Sandino

³² PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of sandinismo in Nicaragua. *Latin American Research Review*, Pittsburgh, v. 23, n. 01, 1988. p. 91-109.

³³ NOLAN, David. *The ideology of the Sandinistas and the Nicaraguan Revolution*. Coral Gables, FA: Institute of Inter-American Studies, University of Miami, 1984.

³⁴ TRONCOSO, Hugo Cancino. *Las raíces históricas e ideológicas del movimiento sandinista: antecedentes de la revolución popular nicaraguense*. Odense: Odense University Press, 1984.

³⁵ PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of sandinismo in Nicaragua. Op. cit., p. 97.



e o comunismo internacional tornou possível a afirmação da FSLN em torno da legitimidade ideológica. Para Fonseca, então, Sandino, mesmo pouco consciente disso, foi o iniciador heroico de um caminho revolucionário.

Tal reinterpretação de Sandino como “protosocialista” foi um primeiro estágio na construção da ideologia sandinista. Segundo Palmer: “The key to Fonseca’s reconstruction was his insistence on evaluating Sandino not as a static historical actor but as a ‘trajectory’ or ‘path’”³⁶. Nesse sentido, a Frente Sandinista pode ser compreendida como uma nova luta, um estágio avançado da visão sandinista, e não uma continuação da luta original de Sandino, justamente pela distinção entre o *telos* de Sandino e o da realidade da segunda metade do século XX.

Através de uma estratégia dialética, Sandino foi simultaneamente cancelado e preservado no mais alto nível da história nicaraguense. Durante o período da luta antiditatorial, um “simples” nacionalismo revolucionário talvez não fosse longamente efetivo, um quadro marxista era requerido. Dito de outra forma, o contexto “pedia” uma análise marxista flexível que Sandino, devido ao seu momento histórico (antes da Revolução Cubana), não poderia ainda compreender.

Sendo assim, o núcleo do sandinismo como ideologia levava em consideração dois pontos centrais: (a) retratar o Sandino histórico nos termos protosocialistas, e (b) implicar uma trajetória/visão sandinista que incorpore a luta anti-imperialista de Sandino, sua inevitável falha, a supressão da luta da FSLN contra os traidores de Sandino, e a possibilidade de vitória apenas através do correto caminho sandinista da Frente Sandinista.

Na percepção de outros dois importantes membros da FSLN, Tomás Borge e Jaime Wheelock, o caminho a ser seguido passava pela tradicional rebeldia da população nicaraguense, pelo papel crucial de Sandino iniciando um caminho revolucionário cuja derrota momentânea era inevitável, e pela absoluta necessidade de resumir a luta de Sandino em um nível mais elevado, com a FSLN como legítima vanguarda³⁷.

Posto isto, percebe-se que Carlos Fonseca deu conteúdo revolucionário à tradição ‘milena’ de Sandino como popular “bandido-herói”, situando o mesmo dentro da tradição latino-americana do “padre de la patria” e articulando elementos românticos, nacionalistas e radicais. A partir daí, a elaboração de uma possível cultura política sandinista já possuía seus preâmbulos e seus componentes iniciais de formação ideológica.

Assim, mesmo com a derrota eleitoral em 1990, tal cultura política sandinista, baseada nos princípios defendidos por Sandino, parece ter permanecido e inclusive reivindicada por grupos dissidentes da FSLN, principalmente o já citado *Movimiento Renovador Sandinista* e o *Movimiento por el Rescate del Sandinismo* (criado em 2005 e conhecido como *El Rescate*).

³⁶ Ibidem, p. 99.

³⁷ Ibidem, p. 103.



Abre-se espaço, então, para uma possível discussão entre o fim do projeto político de uma organização que se autointitulava sandinista (FSLN) e seus legados na sociedade nicaraguense. Ou seja, a derrota eleitoral significou o fim do sandinismo? Ou as transformações ocorridas na própria estrutura e organização da FSLN no decorrer dos anos 80 a afastaram de tal cultura política sandinista? Mais do que isso, podemos considerar Ramírez como grande representante e interlocutor de tal cultura política, de modo que por meio de sua atuação e obra podemos não apenas verificar dita cultura política como também perceber seu impulso e desenvolvimento.

Para além da relevância e centralidade de Sergio Ramírez, o exercício analítico sobre a ideia de uma cultura política sandinista pode ser ampliado, levando em consideração ponderações de autores acadêmicos, ainda que raros sejam os trabalhos que tratem o sandinismo como uma tradição política, ou mesmo que esteja envolto na construção uma cultura política³⁸.

Já indicamos que Steve Palmer pontuou como a dispersão e a qualidade evasiva dos escritos de Sandino, combinados com a realidade de sua guerrilha anti-imperialista, ajudaram a “fazer” sua história passível de uma reinterpretação marxista, por mais que o mesmo nunca tenha sido socialista ou marxista. Para Palmer, o sandinismo pode ser compreendido como uma formação narrativa, envolta em uma produtiva rede de simbologias e encarnando muitos ingredientes “românticos” da mitologia e literatura popular. Assim, uma extensa e radical ideologia foi o centro de uma insurreição que chegaria ao poder, legitimando a FSLN e seu governo como autor da revolução.

Edelberto Torres-Rivas, pesquisador guatemalteco, possui extenso trabalho acerca da América Central. Em uma de suas produções³⁹, Torres-Rivas apontou que o sandinismo sempre foi mais uma denominação que uma ideologia. Nas palavras do autor:

Fueron tantos y tan sistemáticos los gestos de cambio que al final se volvieron muecas. Aunque quizás no ayude mucho, es bueno recordar que el sandinismo siempre fue más una denominación que una ideología, y que fue revolucionario mientras en su nombre se hacía la revolución.

Para o sociólogo⁴⁰, o sandinismo foi, e ainda é, uma poderosa força identitária, em alguns momentos confusa, com elementos históricos, políticos e ideológicos. Mais que um

³⁸ Poucos trabalhos analisam o sandinismo pelo viés de desenvolvimento de ideias políticas ou como fenômeno político persistente desde meados do século XX. Apesar disso, podemos destacar: HOYT, Katherine. *The many faces of Sandinista democracy*. Athens, OH: Ohio University Center for International Studies, 1997; MORRIS, Kenneth E. *Unfinished revolution: Daniel Ortega and Nicaragua's struggle for liberation*. Chicago, IL: Lawrence Hill Books, 2010; WRIGHT, Bruce E. *Theory in practice of the Nicaraguan revolution*. Athens, OH: Ohio University Center for International Studies, 1995.

³⁹ TORRES-RIVAS, Edelberto. Nicaragua: el retorno del sandinismo transfigurado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 207, janeiro-fevereiro 2007.



pensamento de esquerda, uma atitude militante; mas não uma ideologia, visto que, para Torres-Rivas, não possui estrutura lógica para dar respostas aos desafios dos problemas nacionais.

Dois outros pontos de vista sobre o sandinismo também serão indicados. Andrés Pérez⁴¹, pesquisador nicaraguense, afirmou que o sandinismo nunca consistiu um coerente conjunto de valores e ideias capazes de guiar os membros da FSLN; sendo até hoje um vago, contraditório e confuso conjunto de slogans e provérbios nacionalistas. Mesmo oposta à nossa hipótese, tal consideração de Pérez mostra-se importante no enriquecimento do debate sobre nossa problemática. Por outro lado, coletando relatos e entrevistas de camponeses da região de Siuna, uma das fronteiras agrícolas nicaraguenses, a antropóloga panamenha Fernanda Soto Joya⁴² percebeu como prevalece uma imagem congelada da revolução, de modo que “la memoria colectiva sandinista se convierte en una historia sentimental que asocia al Sandinismo con un universo afectivo nacido del lado más cristalino del corazón”. Reconhece-se, então, a força do sandinismo enquanto projeto político que, mesmo envolto em contradições, vincula-se igualmente a uma estrutura de sentimentos, ao mundo afetivo. Interpretações como essas podem reforçar a hipótese de existência de uma cultura política sandinista⁴³.

Além da percepção de uma possível cultura política, é igualmente importante a compreensão de Sergio Ramírez enquanto intelectual. De acordo com Norberto Bobbio⁴⁴, os intelectuais vinculam-se à produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, mediante o uso da palavra. O próprio Bobbio citou outra definição – de Jean-Paul Sartre – pertinente à discussão. Nessa “definição persuasiva”, o papel dos intelectuais seria o de viver as próprias contradições e superá-las através do radicalismo, sendo verdadeiro o revolucionário, e falso o reacionário; entendendo como verdadeiro aquele que se engaja e falso aquele que não o faz.

⁴⁰ TORRES-RIVAS, Edelberto. La difícil existencia de las izquierdas centroamericanas. *A Contracorriente*, Raleigh, v. 6, n. 2, 2009.

⁴¹ PÉREZ, Andrés. The FSLN after the debacle: the struggle for the definition of Sandinismo. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, Miami, v. 34, n. 1, 1992.

⁴² SOTO JOYA, Fernanda. *Ventanas en la memoria – recuerdos de la revolución en la frontera agrícola*. Managua: UCA/DIRINV, 2011.

⁴³ Principalmente se a cultura política for compreendida, como: “[...] um feixe de orientações políticas de uma comunidade nacional ou subnacional; em segundo lugar, tem componentes cognitivos, afetivos e valorativos que incluem tanto os conhecimentos e crenças sobre a realidade política quanto os sentimentos políticos e os compromissos com valores políticos; em terceiro lugar, o conteúdo da cultura política é o resultado da socialização primária, da educação, da exposição aos *midia* e das experiências adultas em relação às ações governamentais, sociais e econômicas; e, em quarto lugar, a cultura política afeta a atuação governamental e a estrutura política, condicionando-as, ainda que não as determinando, porque sua relação causal flui em ambas direções”. Ver: ALMOND, Gabriel. *A Discipline Divided*. Schools and Sects in Political Science. Londres: Sage, 1990, p. 144 apud LLERA, Francisco J. Enfoques en el estudio de la cultura política. In: CASTILLO, Pilar del, CRESPO, Ismael (org.). *Cultura Política - enfoques teóricos y análisis empíricos*. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997, p. 59.

⁴⁴ BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.



Pensando na relação com o político, considerando os lugares de sociabilidade como uma condição para a elaboração intelectual⁴⁵, pode-se também pensar os intelectuais como criadores e mediadores culturais e como atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates⁴⁶. Nesse sentido, tratando sociabilidade nos termos apresentados pelo historiador francês Maurice Agulhon, enquanto categoria descritiva que serve para designar uma atitude geral das populações ao viver relações públicas, nos encaramos com a possibilidade de investigar as sociabilidades como maneira de seguir as trajetórias de indivíduos e grupos. Desse modo, é possível mapear suas ideias, tradições, comportamentos e formas de organização, de maneira que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação de identidades em determinados momentos.

Ademais, partilhamos da ideia de Jean-François Sirinelli⁴⁷ de compreensão e extensão do termo intelectual, com seu respectivo caráter polissêmico. Neste, duas acepções são indicadas: uma ampla e sociocultural, tratando os intelectuais como criadores e mediadores culturais; outra mais estreita, baseada na noção de engajamento, na qual o intelectual é também ator de determinadas modalidades específicas.

Essas ideias a respeito da noção de intelectual procuram delimitar as perspectivas sobre as quais a análise possa ser assentada. No caso estudado, Sergio Ramírez estava envolto a um conflitante e heterogêneo cenário, palco de intensas transformações sociais e políticas, seja no período de luta antiditatorial, durante ou após o regime sandinista. Reconhecendo sua condição de intelectual, Ramírez pode ser considerado produtor e transmissor de ideias e visões de mundo, nos termos apresentados por Bobbio, atrelando-se à ideia de cultura política do sandinismo, bem como por sua difusão e possíveis ressignificações.

Além disso, a presença do intelectual nicaraguense em determinadas esferas de sociabilidade (movimentos universitários que participou, grupos literários principalmente nos anos 90 e a própria FSLN enquanto partido político) contribuem para a percepção da construção e desenvolvimento dessa cultura política sandinista. E, pela própria diversidade de sua obra como de sua atuação, uma marcação teórica rígida não se mostraria adequada, sendo, portanto, importante a consideração polissêmica de Sirinelli, mas vinculando Ramírez à sociedade em que viveu e vive, facilitando a extensão à ideia de engajamento⁴⁸.

⁴⁵ TREBITSCH, Michel; GRANJON, Marie-Christine (org.). *Pour une histoire comparée des intellectuels*. Bruxelas: Éditions Complexe/IHTP-CNRS, 1998.

⁴⁶ GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda, GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Culturas Políticas: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2005.

⁴⁷ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 2003.

⁴⁸ Igualmente relevante para a compreensão de Sergio Ramírez e sua obra e atuação é o conceito de geração, visto que o mesmo pode ser vinculado a um grupo importante na disseminação de uma possível cultura política sandinista, além de remeter à ideia já indicada de intelectual-militante presente nos anos 80 na Nicarágua, associada à de cidadão-combatente. Ultrapassando o sentido puramente biológico e natural, a ideia de geração



Centrar a análise em Sergio Ramírez e suas ações e obras não significa ignorar outras esferas de âmbito nacional, já que o conflitante cenário nicaraguense do período abordado envolvia uma heterogênea inter-relação de atores sociais, aspectos políticos e socioculturais da qual Ramírez e qualquer outro ponto de análise não estavam indissociáveis. Ademais, a própria ambivalência do intelectual latino-americano deve ser levada em consideração. De um lado, o desejo de autonomia de pensamento e criação genuína, fomentando o caráter cultural nacional; de outro, a influência e adoção de ideias, teorias e orientações provenientes de países mais desenvolvidos. De modo que a “autoconsciência” desses intelectuais e sua apreciação pela opinião e participação pública passavam pela percepção de um compromisso histórico com a “verdade”. Como diletantes que operavam como produtores privilegiados de sentido, geralmente fora do âmbito acadêmico, tais intelectuais conformavam uma função polivalente: pensadores e políticos, escritores e diplomáticos, fundadores e líderes de partidos, inspiradores de ideologias e críticos dos sonhos coletivos⁴⁹. Mesmo que na América Central a categoria intelectual não atue como parte de uma classe única com interesses concretos, tampouco constitua um grupo bem definido, a análise da ação de um intelectual que teve um rol político e cultural protagônico, como Sergio Ramírez, mostra-se relevante para compreendermos os caminhos trilhados por um país tão pouco estudado, porém consideravelmente significativo nas transformações políticas do istmo e da região latino-americana.

Bibliografia

ALCÁNTAR, Iliana; ARSOVA, Jasmina. Conversaciones con Sergio Ramírez. *Mester*, Los Angeles, v. XXXII, 2003.

ALVARENGA, Luis. Sergio Ramírez, entre dos mundos. *Realidad*, El Salvador, n. 91, 2003.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

_____. Os partidos. In: REMÓND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 2003.

_____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

mostra-se eficiente no alicerçamento das etapas iniciais de uma cultura política sandinista, envolvendo a perpetuação de um sentimento de pertencimento à mesma. Sobre isso, ver: SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998; BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: REMÓND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 2003 e REMÓND, René. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

⁴⁹ MANSILLA, Héctor. Intelectuales y política en América Latina. Breve aproximación a una ambivalencia fundamental. *Espacio Abierto*, v. 11, n. 3, 2002. p. 433.



BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

TRONCOSO, Hugo Cancino. *Las raíces históricas e ideológicas del movimiento sandinista: antecedentes de la revolución popular nicaragüense*. Odense: Odense University Press, 1984.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FROEHLING, Ortrun. Reflexiones sobre el escritor en Latinoamérica y el cambio social (Usar la palabra como fusil). *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 5, 1973.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda, GOUVÊA, Maria de Fátima (org.). *Culturas Políticas: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2005.

HOYT, Katherine. *The many faces of Sandinista democracy*. Athens, OH: Ohio University Center for International Studies, 1997.

LLERA, Francisco J. Enfoques en el estudio de la cultura política. In: CASTILLO, Pilar del; CRESPO, Ismael (org.). *Cultura Política - enfoques teóricos y análisis empíricos*. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997.

MACKENBACH, Werner. Historia y ficción en la obra novelística de Sergio Ramírez. *Iberoamericana*, Pittsburgh, ano 5, n. 19, 2005.

MANSILLA, Héctor. Intelectuales y política en América Latina. Breve aproximación a una ambivalencia fundamental. *Espacio Abierto*, Maracaibo, v. 11, n. 3, 2002.

MENTON, Seymour. Adiós Muchachos, antes y después. *Mester*, Los Angeles, v. XXXII, 2003.

MORRIS, Kenneth E. *Unfinished revolution: Daniel Ortega and Nicaragua's struggle for liberation*. Chicago, IL: Lawrence Hill Books, 2010.

MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. *Principios y programa aprobados por la convención constitutiva*. Managua: [s.n.], 1995.

NOLAN, David. *The ideology of the Sandinistas and the Nicaraguan Revolution*. Coral Gables, FA: Institute of Inter-American Studies, University of Miami, 1984.

PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of sandinismo in Nicaragua. *Latin American Research Review*, Pittsburgh, v. 23, n. 01, 1988.

PÉREZ, Andrés. The FSLN after the debacle: the struggle for the definition of Sandinismo. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, Miami, v. 34, n. 1, 1992.

RAMÍREZ, Sergio. *¿Te dio miedo la sangre?* Caracas: Monte Ávila, 1977.



_____. *El pensamiento vivo de Sandino*. Tomo 2. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984.

_____. *Las armas del futuro*. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1987.

_____. La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo). *Encuentro*, Managua, ano XL, n. 79, 2008.

_____. *Adiós muchachos: a História da Revolução Sandinista e seus protagonistas*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SALAMANCA, Douglas. Literatura, sandinismo y compromiso. *Revista Iberoamericana*, Pittsburgh, v. LVII, n. 157, 1991.

SERRANO CALDERA, Alejandro. *Desde la universidad, 1957-1974: un enfoque de la universidad y la sociedad nicaragüense*. León: Editorial Universitaria/UNAN, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMÓND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, FGV, 2003.

SOTO JOYA, Fernanda. *Ventanas en la memoria – recuerdos de la revolución en la frontera agrícola*. Managua: UCA/DIRINV, 2011.

TORRES-RIVAS, Edelberto. Nicaragua: el retorno del sandinismo transfigurado. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, n. 207, janeiro-fevereiro 2007.

_____. La difícil existencia de las izquierdas centroamericanas. *A Contracorriente*, Raleigh, v. 6, n. 2, 2009.

TREBITSCH, Michel; GRANJON, Marie-Christine (org.). *Pour une histoire comparée des intellectuels*. Bruxelas: Éditions Complexe/IHTP-CNRS, 1998.

TUVESSON, Cecilia. *Novelas nicaragüenses de contenido político*. Un estudio de obras literarias de Gioconda Belli y Sergio Ramírez. Tese [Spanish Studies]. Lunds Universitet, Suécia, 2012.

VARGAS, José Ángel Vargas. Sergio Ramírez: escritor y político. *InterSedes – Revista Electrónica de las Sedes Regionales de la Universidad de Costa Rica*, v. 3, n. 5, 2002.

_____. Sergio Ramírez: poder y desencanto. *Revista Pensamiento Actual*, Costa Rica, v. 5, n. 6, 2005.

WRIGHT, Bruce E. *Theory in practice of the Nicaraguan revolution*. Athens, OH: Ohio University Center for International Studies, 1995.